

## ROLAND BARTHES: ENSAIOS SOLARES

*Quando, vindo de Paris de automóvel (fiz mil vezes essa viagem), passo por Angoulême, um sinal me avisa que transpus o limiar da casa e estou entrando na terra de minha infância; um pequeno bosque de pinheiros ao lado, uma palmeira no pátio de uma casa, uma certa altura das nuvens que dá ao terreno a mobilidade de um rosto. Começa então a grande luz do Sudoeste, ao mesmo tempo nobre e sutil; jamais cinza, jamais baixa (mesmo quando o sol não brilha), é uma luz-espaço, definida menos pelas cores com que afeta as coisas (como no outro Midi) do que pelo caráter eminentemente habitável que ela dá à terra. Não encontro outro meio de dizer: trata-se de uma luz luminosa.*

BARTHES, R. A luz do Sudoeste. In: *Incidentes*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio

O título escolhido para este encontro poderia, para aqueles que conhecem a natureza do gênero “ensaio”, parecer um pleonasma. O que mais pode qualificar o ensaio senão a luz que traz sobre os temas de que trata, provisória como o dia que nasce já destinado a acabar em algumas horas? Assim como a nossa exposição ao astro, os ensaios também conhecem períodos de luz e períodos de sombra, o que faz com que alguns deles ressurgam em nossas leituras, como novos dias. Assim tem sido a obra de Roland Barthes, desde seus primeiros escritos e esse movimento não cessou com sua morte. Ele faz a opção pelo ensaio e nesse gênero imprime sua escritura, como ele mesmo diz em sua *Aula*:

E se é verdade que, por longo tempo, quis inscrever meu trabalho no campo da ciência, literária, lexicológica ou sociológica, devo reconhecer que produzi tão-somente ensaios, gênero incerto onde a escritura rivaliza com a análise.

BARTHES, R. Aula. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 7

Se o gênero já era incerto, seu encontro com a escritura barthesiana o fará também pluriforme, pois nesse embate entre escritura e análise, aos poucos emerge o fragmento como forma de expressão e como antídoto, ainda que provisório, à *doxa*. Fragmento e ensaio configuram-se, pois, em pilares de um pensamento complexo, porque mutável, e dinâmico, porque contemporâneo. E a contemporaneidade dos ensaios de Barthes, quase quarenta anos após a morte do autor, está na denúncia da arrogância de toda Verdade, numa atitude nietzscheana que ele mesmo assume, ao citar o filósofo alemão n’*A Câmara clara*:

“Um homem labiríntico jamais busca a verdade, mas unicamente sua Ariadne”.

BARTHES, R. A *câmara clara*, trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 109-110

Nesse que foi seu último livro, ele identifica Ariadne à famosa fotografia de sua mãe no jardim de inverno, que seus leitores jamais verão. Curiosamente, após tantos anos, seus ensaios é que nos têm servido como Ariadne, no constante labirinto cavado pelas inumeráveis práticas discursivas. Sua importância, como escritor que relança o ensaio na vida dos textos do século XX, não deixa de ser reconhecida:

Mas é certamente a R. Barthes que cabe o mérito essencial de ter não apenas *reabilitado* o ensaio como gênero integralmente, mas

BENSMAÏA, Réda. *Barthes à l’Essai. Introduction au texte réfléchissant*, Tübingen, Narr, 1986, p. 45

também de lhe ter *reconquistado a forma*: nascido *prática e esteticamente* com Montaigne, na França, e reaparecido esporadicamente aqui e ali, o ensaio devia “nascer teoricamente”: com R. Barthes e pela primeira vez, ele faz sua *estreia teórica* na história da literatura como texto “que faz refletir”: ou seja, um texto que teria “destruído até o fim, *até a contradição*”, destaca Barthes, sua própria categoria discursiva, sua referência sociolinguística (seu ‘gênero’).

Seu caráter de luz provisória, mas de intensos lampejos, faz, na obra barthesiana, com que o ensaio se torne também ele, como gênero, objeto de questionamentos, consumindo-se no fogo de sua própria fulguração. O ensaio assume, pois, sua forma mais literária em Roland Barthes, permitindo uma prática de leitura solta das amarras que representam os modelos teóricos ou filosóficos extremamente elaborados, como diz Pierre Zima em capítulo que dedica a Barthes em recente trabalho sobre o ensaio:

No lugar de uma argumentação estruturada pelo princípio causal que a leva a uma conclusão, a uma definição conceitual como “presença do sentido” (Derrida), Barthes propõe ao leitor uma aproximação ensaística ou paradigmática do objeto em questão.

ZIMA, Pierre V.  
*Essai et Essayisme.*  
*Le potentiel*  
*théorique de l'essai:*  
*de Montaigne*  
*jusqu'à la*  
*postmodernité.*  
Paris: Garnier,  
2018. p.254.

Assumindo a proposta barthesiana, este encontro oferece aos seus participantes nada mais que a fulguração de ensaios, ensaios solares – nesta cidade que é a “Noiva do sol” – nos quais revisitaremos a obra de Roland Barthes.

Como atividade proposta pelo grupo de pesquisa “Escritor Plural: estudos pluridisciplinares da obra de Roland Barthes”, este encontro reúne pesquisadores que têm dialogado com essa obra nos mais diversos campos, como se verá na programação. Além disso, estaremos preparando, na ocasião desse evento, o III Colóquio Internacional Barthes Plural, que acontecerá na UFRN em 2019, também ligado ao mesmo grupo de pesquisa, dando continuidade à edições anteriores na USP (2015) e na UEL (2017).

O encontro “Roland Barthes: ensaios solares” oferece mesas-redondas, mas terá também momentos para a apresentação de comunicações e convidamos professores, alunos e todos os que dialogam com a obra de Barthes, a inscreverem, gratuitamente, seus trabalhos.